

## PRÊMIO ESPECIAL

# Qualidade do solo e redução dos gases como prioridade

**Engenheiro agrônomo Cimélio Bayer, da Ufrgs, foi agraciado com o Prêmio Especial**

**Luciane Medeiros**

luciane.medeiros@jornaldocomercio.com.br

Desenvolver práticas que contribuam para a agricultura conservacionista e de baixo carbono, possibilitando o alto potencial produtivo, alta eficiência e baixo impacto ambiental. Essa tem sido a área de atuação do engenheiro agrônomo Cimélio Bayer, que há 21 anos desenvolve pesquisas para melhoria das técnicas agrícolas. A atuação de Bayer foi reconhecida neste ano com o troféu O Futuro da Terra na categoria Prêmio Especial, uma parceria do **Jornal do Comércio** com a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul (Fapergs).

Formado pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Bayer tem Doutorado em Ciências do Solo pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Ufrgs) e Pós-Doutorado pela Embrapa Instrumentação Agropecuária e pela Universidade da Califórnia-Davis, nos Estados Unidos. Atualmente, é professor da Ufrgs, onde realiza pesquisas sobre a qualidade do solo, sequestro de carbono e mitigação de gases de efeito estufa.

As colaborações acadêmicas, empresariais e com produtores, na coordenação e execução de pesquisas de Bayer, contribuem fortemente para o setor agropecuário gaúcho nas melhorias dos sistemas de produção agrícola e pecuário. Além disso, auxiliam no embasamento científico e técnico para discussões e para a formulação de políticas que abordam o tema agricultura, pecuária, agroindústria e meio ambiente.

O engenheiro agrônomo explica que, até algumas décadas atrás, a conservação do solo e a produção pareciam temas desconectados, mas atualmente andam juntos.

“Há o reconhecimento pelos próprios produtores e técnicos de que para produzir bem tem que cuidar do solo, é preciso manejá-



CIMÉLIO BAYER/DIVULGAÇÃO/JC

*Projeto se propõe a avaliar a pegada de carbono de fertilizantes*

-lo adequadamente”, destaca.

A agricultura conservacionista é conduzida de uma forma em que o solo não degrade. Bayer lembra que as condições de clima no Brasil, com chuvas intensas e alta temperatura, o levam a degradar rapidamente e perder sua capacidade produtiva quando ele é conduzido sob um manejo tradicional de lavração e gradagem (preparo do solo para plantio).

Desde o final do século passado, se descobriu que o plantio direto é uma técnica extremamente importante para conduzir a produção de alimentos e a agricultura a longo prazo, minimizando a degradação. “Mas o plantio direto tem que estar associado a outras práticas, como o cultivo intenso e diversificado de plantas, como a rotação de culturas e uso de cobertura, evitando, assim, técnicas de pousio. A erosão é um processo intenso de degradação do solo que as práticas conservacionistas visam controlar”, destaca.

Mais recentemente, a questão do mercado de carbono internacional surgiu como uma grande oportunidade para a agricultura brasileira, que pode se habilitar a esses créditos através da adoção de práticas conservacionistas. Para tanto, explica Bayer, a agri-

cultura precisa provar que tem potencial de reduzir as emissões de gases para se habilitar aos projetos de crédito de carbono. A prática é comum na agricultura de climas temperados, como, por exemplo, os Estados Unidos, mas na agricultura tropical e subtropical, onde o Brasil está inserido, isso ainda é muito questionado.

“Estamos tramitando com ciência, com pesquisa, projetos da Fapergs e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ) para quantificar o potencial de práticas agrícolas em mitigar as emissões de gases de efeito estufa. O objetivo principal é uma agricultura com alto potencial produtivo, alta eficiência e com baixo impacto ambiental, minimizar o impacto ambiental ao máximo”, salienta.

Ele lembra que o Brasil está às vésperas de ter barreiras não tarifárias da Comunidade Europeia em relação a produtos exportados como a soja e carne, e que essas informações da pegada de carbono dos produtos brasileiros são importantes para demonstrar que o Brasil conduz a produção em sistemas sustentáveis de manejo, e se manter protegido dessas barreiras e seus impactos econômicos.

## INOVAÇÃO E TECNOLOGIA RURAL

# Sementes Butiá alia tradição à inovação

**Jefferson Klein**

jefferson.klein@jornaldocomercio.com.br

Criada há 72 anos, até hoje a Sementes Butiá mantém um forte perfil familiar, já que a gestão da empresa fundada por Pedro Bertagnolli foi passando de geração em geração. No entanto, paralelamente a essa continuidade, a companhia também vem acompanhando a modernização do agronegócio e atuando com pesquisa e melhoramento genético para aprimorar o rendimento de sementes, com foco nas culturas de soja e trigo.

A empresa foi agraciada com o Prêmio O Futuro da Terra na categoria Inovação e Tecnologia Rural.

A diretora administrativa da Sementes Butiá, Manoela Bertagnolli, recorda que seu avô Pedro foi pioneiro na região do município de Coxilha, no Norte gaúcho, quanto ao cultivo do trigo. Em 1976, a empresa, já sob gestão do pai de Manoela, Ronald Bertagnolli, começou a operar a sua primeira unidade de beneficiamento de sementes. “Ele introduziu a semente porque era agrônomo e administrador, mas sempre foi um apaixonado por genética e pesquisa”, lembra Manoela, que também é diretora da Associação Brasileira de Sementeiros de Soja (Abrass).

Com o falecimento de Ronald, em 2004, a empresa passou a ser conduzida por outros familiares. Manoela ressalta que a Sementes Butiá atua fortemente com pesquisas trabalhando com várias empresas de genética, elaborando testes para apoiar o desenvolvimento de novas variedades para o mercado.

Ela informa que a companhia

deve produzir neste ano cerca de 6 mil toneladas de semente de trigo de primeira geração e chegar a 12 mil toneladas de sementes de soja. A empresa possui ainda áreas para produção de grãos e trabalha com milho.

A Sementes Butiá conta com 3,5 mil hectares de produção própria e, no sistema de cooperação, são mais cerca de 7 mil hectares para trabalhar com soja e 2 mil hectares para atuar com trigo. São aproximadamente 40 cooperantes espalhados por vários municípios. A companhia atende à região Sul do País, além de São Paulo e Mato Grosso do Sul.

Manoela salienta que a Sementes Butiá opera dentro do conceito de Smart Farm, que busca ações inovadoras para qualificar suas atividades e evitar o desperdício, otimizando todas as áreas da empresa e gerando mais resultados. Ela frisa, por exemplo, que a companhia já trabalha há décadas com o sistema de plantio direto, que prevê boas práticas na lavoura. A diretora acrescenta que a Sementes Butiá é Farm Model da John Deere, fazendo testes de produtos e inovações para esse grupo. Outra parceria, de mais de 30 anos, é com a Biotrigo Genética para o desenvolvimento de cultivares de trigo.

Hoje, a Sementes Butiá verifica em torno de 100 colaboradores e, conforme Manoela, muitos deles são jovens profissionais, na faixa de 25 a 35 anos. No caso dela, a disposição para ingressar na área já estava no seu sangue. “Sou jornalista de formação, mas sou agricultora por vocação, porque já estava nesse negócio quando estava na barriga da minha mãe e a gente gosta daquilo que conhece”, diz Manoela.

DIVULGAÇÃO SEMENTES BUTIÁ/JC



*A Sementes Butiá foi criada há 72 anos no município de Coxilha*